

CAL – Casa das Artes de Laranjeiras

WILLIAM SHAKESPEARE

Vida e Obra

por

Oscar Calixto

Rio de Janeiro, novembro de 2003.

BIOGRAFIA

Poeta nacional da Inglaterra e maior dramaturgo da literature universal, Shakespeare escreveu suas obras para um pequeno teatro de repertório, no final do século XVI e início do século XVII. Quatrocentos anos mais tarde, suas peças ainda encantavam platéias em todo o mundo e eram mais freqüentemente encenadas do que as de qualquer outro autor teatral.

William Shakespeare nasceu em Stratford-upon-Avon, Warwickshire, onde foi batizado em 26 de abril de 1564. Seu aniversário era tradicionalmente comemorado em 23 de abril. Fez seus primeiros estudos provavelmente na cidade natal e, aos 18 anos, casou-se com Anne Hathaway, com quem teve três filhos. Suas atividades durante o decênio seguinte permanecem obscuras, pois a primeira referência a seu prestígio como dramaturgo data de 1592. Provavelmente escrevia para o teatro desde três anos antes.

Shakespeare publicou, no início de carreira, dois poemas narrativos em estilo renascentista – *Vênus and Adonis* (1593) e *Lucrece* (1594) – e *Sonnets* (1609), 154 sonetos que, escritos provavelmente entre 1593 e 1600, figuram entre as mais belas e importantes obras em língua inglesa. Há inúmeras evidências de que logo conquistou sucesso e fortuna com o teatro. Em 1594, era membro destacado da companhia de teatro de Lord Chamberlain, que atuava na melhor sala de espetáculos de Londres, o Globe Theatre. Supõe-se que, a partir de 1600 e durante 13

anos, Shakespeare devotou-se integralmente à dramaturgia e escreveu obras teatrais da mais alta qualidade.

PÚBLICO

Shakespeare mostrava-se sempre muito consciente em relação à sua platéia, uma mistura de aristocratas, letrados, almofadinhas, gatunos, marinheiros e soldados de licença, estudantes e aprendizes, que se assemelha muito mais à moderna platéia de cinema do que à moderna platéia de teatro. E com essa platéia extremamente heterogênea, com cerca de 2 mil espectadores que ele tenta estabelecer uma intimidade, envolvendo-a na peça. Seus solilóquios não são falas em que o ator finge estar se dirigindo a si mesmo, mas comunicações íntimas com os espectadores. De qualquer modo, era difícil fingir que o público não estava ali; a luz do dia iluminava a platéia, que cercava os três lados do palco; uma pequena parte até se sentava no palco. O ator moderno, separado do público por refletores e escuridão, pode até fingir que os espectadores não estão ali. Mas isso não acontecia com o ator elisabetano: ele tinha que estabelecer contato com o seu público que era crítico, à vezes barulhento, certamente formando por pessoas de carne e osso à luz do dia, não abstrações escondidas pela escuridão. Essa platéia tinha de receber o que queria e, sendo uma mistura, queria coisas variadas - ação e sangue para os incultos, belas frases para os almofadinhas, humor sutil para os refinados, palhaçada escandalosa para os não-refinados, assuntos amorosos para as damas, canção e

dança para todos. Shakespeare dá todas essas coisas; nenhum outro dramaturgo jamais conseguiu dar tanto.

POPULARIDADE OPORTUNISTA

A popularidade de suas peças era tal que provocou o antagonismo de alguns de seus companheiros dramaturgos. Os teatros em Londres eram abastecidos com novas peças sob a responsabilidade de homens formados em Oxford e Cambridge, poetas cultos, os sábios da universidade. Agora vinha aquele intruso da província, com apenas uma educação secundária, agradar mais do que os mestres da arte no seu próprio campo. Greene via em Shakespeare um oportunista inteligente e insaciável que dava ao público o que este queira. Se havia um apetite pela violência, Shakespeare era capaz de satisfazê-lo, fornecendo com *Tito Andrônico* uma admirável mistura de rapto, tortura, massacre e até mesmo de canibalismo. Se pediam uma farsa sobre a troca de identidades, Shakespeare superava, com sua *Comédia dos erros*, Plauto e Terêncio em intrigas complicadas - os comediógrafos romanos tinham se contentado em obter risos através do tema dos gêmeos que, separados desde o nascimento, subitamente chegavam ao mesmo lugar, cada um ignorando a existência do outro, mas Shakespeare faz com que seus criados também fossem gêmeos. Era um escritor que gostava de ir além de seus antecessores, quer em intriga, violência, ou em beleza lírica.

REELABORAÇÃO DE MATERIAIS DRAMATÚRGICOS

É óbvio que Shakespeare tinha alguma coisa a dizer quando escrevia uma peça; porém o ele tinha a dizer não era pura e simplesmente contar uma história; pois se assim fosse é provável que tivesse escrito enredos originais. No entanto, freqüentemente ele utilizava uma história que já existia e a reelaborava. Essa reelaboração era mais comum do que a invenção de novas tramas; de fato, ele tomava emprestado a trama de outro autor ou extraía a narrativa de um livro de história ou de um panfleto popular - seu interesse se concentrava mais em **como** contar a história, do que na própria história.

Fontes utilizadas por Shakespeare na composição de algumas de suas principais obras:

Romeu e Julieta - A tragédia de *Romeu e Julieta* é considerada verídica, tendo, provavelmente, acontecido nos primeiros anos do século XIV. Apesar disso, é tema muito antigo, já existindo na literatura grega história semelhante. Luigi da Porto é o primeiro a usar o nome de Romeu e Julieta. Mateo Bandello adapta a história que foi traduzida para o francês por Pierre de Boistreau de Launay. Arthur Brooke traduziu desta última fonte em versos ingleses, dando-lhe o título de *Tragical History of Romeo and Juliet*, com o qual publica o poema em 1562. Foi daí que Shakespeare tirou inspiração para a sua

tragédia, que segue fielmente a versão de Arthur Brooke diz ter visto representar o mesmo argumento, o que faz os estudiosos acreditarem ter Shakespeare feito uso de uma peça ainda mais antiga, possivelmente *La Hadriana*, tragédia de Luigi Groto, mas tal versão está desaparecida, só existindo hoje a que foi inspirada na obra de Brooke.

Macbeth – A principal fonte usada por Shakespeare para escrever esta tragédia foi *The Chronicle of England and Scotland*, de Raphael Holinshed (1557) que, por sua vez, fora baseada na *Scotorum Historia*, de Hector Boece (1526). Os historiadores escoceses John of Fordun (1360) e Andrew of Wintoun (1420) foram, provavelmente, a fonte para a história de Boece. O ano em que transcorre a cena é o de 1040 e sabe-se hoje que Macbeth foi muito melhor do que descreve Shakespeare. Muitos incidentes são de pura criação do autor.

Hamlet – O mito de Hamlet é antiquíssimo na literatura escandinava. Foi um dinamarquês do século XII, Saxo Grammaticus, que começou a história de Hamlet, no terceiro livro de sua compilação *Historia Danica*. François de Belleforest (1530-1583) publica suas *Histoires Tragiques* em 1576, entre as quais figura a história de Hamlet. Provavelmente, Belleforest serve de base para Shakespeare. Semelhanças de estrutura e de estilo fazem supor que Thomas Kyd muito contribuiu para o Hamlet shakespeariano e é bem provável que o primeiro trabalho de Kyd (hoje desaparecido) servisse para a composição da peça atual. Há três versões conhecidas da peça.

Rei Lear – A história do Rei Lear pertence ao folclore anglo-saxão. Geoffrey of Monmouth a inseriu em sua *Historia Regnum Britanniae* (1147). Aparece na *Histoire of England*, de Holinshed e em *The Mirror for Magistrates*, de John Higgins. O nome de Cordélia foi tirado por Shakespeare da mesma história contada por Spencer em *Faerie Queene*. Talvez a verdadeira fonte do autor tenha sido uma peça anônima intitulada *The True Chronicle of King Leir and his Three Daughters*, representada em 1594. A história de Gloucester foi tirada do romance pastoral *Arcadia* (1590) de Sir Philip Sidney, em que o personagem é o rei de Paflagônia. A loucura de Edgar é invenção de Shakespeare, bem como o final alterado, pois Lear e o exército francês saem vitoriosos.

Otelo – A tragédia de Otelo deriva da *Sétima Novella da Terceira Década da Hecatommithi*, de Giraldo Cinthio (1504-1573). Apesar de existir uma tradução francesa de Gabriel Chappuys, parece provável que Shakespeare haja seguido a versão italiana, fazendo mudanças importantes. Modifica todos os nomes, menos o de Desdêmona, conservado de Cinthio, mudando o caráter de Rodrigo e de Iago, dando importância ao papel de Emília e fazendo de Otelo um personagem de concepções elevadas.

Noite de Reis, ou o que Quiserdes – não se tem certeza qual tenha sido a fonte onde Shakespeare foi buscar inspiração para esta peça. Antes dele, cinco diferentes dramaturgos e três romancistas usaram o mesmo assunto para seus trabalhos. Sua mais antiga fonte, talvez seja *Gl'Ingannati*, peça italiana levada à cena em Siena, no

ano de 1531. A novela de Matteo Bandello, *Nicuola*, publicada em 1538, traduzida para o francês por Barnabé Riche com o título de *Apolonius e Silla*, no livro *O Adeus de Barnabé Riche à Carreira Militar* (1581), tem quase o mesmo enredo. O título da comédia (*Twelfth Night; or What you will* /A 12^a Noite; ou o que você quiser) não possui qualquer relação com o assunto. Décima segunda noite se refere ao fato de haver sido apresentada pela primeira vez na 12^a noite depois do Natal, ou seja, na festa da Epifania ou Dia dos Reis.

QUADRO CRONOLÓGICO DAS OBRAS DE SHAKESPEARE

DATA	COMÉDIAS	DRAMAS HISTÓRICOS	TRAGÉDIAS
1590-1592	Trabalhos de Amor Perdidos	Henrique VI (1ª, 2ª, 3ª partes)	
1592-1594	A Comédia dos Erros Os Dois Fidalgos de Verona		
1593-1594		Ricardo III	Tito Andrônico
1594-1596	Sonho de uma Noite de Verão O Mercador de Veneza	Vida e Morte do Rei João Ricardo II	
1594-1597	A Megera Domada		Romeu e Julieta
1597-1598		Henrique IV (1ª, 2ª partes)	
1598-1599		Henrique V	Julio César
1597-1600	As Alegres Comadres de Windsor		
1598-1600	Muito Barulho por Nada		
1599-1600	Como Gostais		
1599-1601	Noite de Reis		
1600-1601			Hamlet
1600-1604	Tudo está bem quando termina bem		
1601-1603			Tróilo e Cressida
1603-1604	Medida por Medida		
1604-1605			Otelo
1605-1606			Rei Lear Macbeth
1607-1608	Péricles		Antônio e Cleópatra Tímon de Atenas
1608-1610			Coriolano
1609-1610	Cimbelino		
1610-1611	Conto de Inverno		
1611-1612	A Tempestade		
1612-1613		Henrique VIII	

BIBLIOGRAFIA

HELIODORA, Barbara. *A expressão dramática do homem político em Shakespeare*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HELIODORA, Barbara. *Falando de Shakespeare*. São Paulo : Perspectiva, 1997. (Coleção Estudos 155)

MELVILLE, Jean. *Coleção A Obra Prima de Cada Autor*. Rio de Janeiro, Martin Claret, 2000.

SANTOS, Marlene Soares dos. O Teatro Elisabetano, IN, *O Teatro através da História*. Rio de Janeiro : CCBB, 1994. Volume I.